

LIBRAS I

Professoras conteudistas/pesquisadoras: CAROLINA HESSEL SILVEIRA

Acadêmica: JULIANA CORRÊA DE LIMA

Carga Horária: 30h

Resumo

Nesta disciplina, assim como nas demais, serão estudados assuntos pertencentes ao seu respectivo programa, porém a ementa referente a esta disciplina foi pensada e planejada anteriormente à reforma de conteúdos relacionados ao estudo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Logo, aprenderemos não na seqüência em que os cadernos se apresentam. Lembre-se de que a Libras é uma língua e, como todas as outras, é dinâmica, sofrendo alterações no decorrer do tempo e do espaço e no próprio processo interativo. Nesta disciplina, estudaremos Língua de Sinais e Percepção e um pouco sobre a História e a Cultura Surdas. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua dos Surdos, fundamentada pela Lei Federal nº. 10.436, de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. A disciplina de LIBRAS I abrange quatro unidades: a primeira trata da História do Surdo; a segunda dos Classificadores, que são uma representação da LIBRAS; e a terceira e a quarta unidades versam sobre os sinais básicos da língua de Sinais (LS), tais como os sinais de família, pessoas, objetos, cores, animais e calendário. Além disso, aprenderemos também a utilizar as expressões faciais e corporais da LS por intermédio de um vídeo que está à disposição da disciplina.

Palavras-chave:

Educação de Surdos, História do Surdo, Língua de Sinais.



Unidade A – HISTÓRIA DO SURDO

Nesta unidade, iremos estudar os momentos que marcaram a história dos surdos: como surgiram os professores surdos e ouvintes, como ocorreu o aprendizado da datilografia e dos sinais metódicos, bem como a fundação da educação de surdos e os vários tipos de ensino baseados no Oralismo, na Comunicação Total e no Bilingüismo.

É muito importante termos conhecimento sobre a história dos surdos para assim entendermos o crescimento da educação desses indivíduos e compreendermos suas conseqüências. Mas como há pouco registro sobre escolas de surdos no Brasil, é interessante obtermos mais informações dessa história em livros de outros países como: **A Máscara da Benevolência**, de Harlan Lane; **Historia De La Educacion De Los Sordos En Mexico Y Lenguaje Por Senas Mexicano**, da autora Margarita G. Adams; **La increíble y triste historia de la sordera**, de autoria de G.C.M. Sánchez, entre outros.

A.1 – Visão do Mundo

O que nós conhecemos da **história dos surdos**?¹ Segundo Eriksson (1998), existem várias histórias que explicam o surgimento e o desenvolvimento do conceito de surdo no mundo. Na Antiguidade, os surdos eram tidos como “deuses” ou como seres diabólicos, os quais precisavam ser punidos. Além disso, os surdos, devido ao fato de não falarem, não eram considerados “humanos” nem cidadãos, mas sim incapazes. Eram até mesmo proibidos de casar.

Há vários **educadores**², cada qual com diferentes métodos de ensino, que se destacam na história da educação de surdos. Na Idade Média, por exemplo, o médico italiano Girolamo Cardano (1501-1576), que tinha um filho surdo, declarou que surdos poderiam ser ensinados a ler e a escrever sem a utilização da fala.

¹ **(GLOSSÁRIO) - História dos Surdos:** Temos que voltar no tempo e considerar como o Surdo tem sido visto e educado através da história, as dificuldades que passa para se construir enquanto sujeito. Esta história reflete uma realidade social, política e histórica que também vai se refletir na história do Surdo através dos tempos (MOURA, 2000).

² **(ASSUNTO) - Educadores:** Para conhecer mais sobre os grandes educadores de surdos na história, leia **O surdo: caminhos para uma nova Identidade**, de Maria Cecília Moura (Rio de Janeiro: Revinter, 2000).

Segundo Moura (2000), existiram vários educadores de surdos na Europa, dentre eles Frei Pedro Ponce de Leon (1520-1584), monge espanhol que ensinava surdos filhos de famílias nobres a ler os lábios, a falar, a rezar e a conhecer as doutrinas do Cristianismo. Ensinava os surdos primogênitos das famílias nobres a falar para que assim tivessem direito às suas heranças.

Além desses dois exemplos, outros educadores também se destacaram no ensino de surdos como:

- Juan Pablo Bonet (1579-1629), espanhol, publicou um livro sobre seu método de ensino aos surdos, o qual se denominava “Reducción de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar los mudos”.
- Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), português, tinha fluência na Língua de Sinais, ensinando-a aos surdos, sendo partidário do oralismo.
- Samuel Heinicke (1727- 1790), alemão, era contra a Língua de Sinais e a favor do método do oralismo. Fundou a primeira escola oral de surdos na Alemanha.
- Abbé Sicard (1742-1822), substituindo L’Epée, foi nomeado diretor no Instituto Nacional de Surdos-Mudos.
- Jean Marc Itard (1774-1838), francês, médico-cirurgião, considerava os surdos doentes que precisavam ser curados, porém seu método (o oralismo) não obteve sucesso.
- **Thomas Gallaudet**³ (1787-1851) foi para a França aprender o método desenvolvido por L’Epée na educação de surdos, método chamado de Sinais e Sistema de Sinais Metódicos. No Instituto Nacional para Surdos-Mudos, foi instruído pelo professor surdo Laurent Clerc. Posteriormente, os dois foram aos Estados Unidos, onde implantaram a primeira escola pública para surdos em Hartford, Connecticut, escola chamada de “The Connecticut Asylum for the Education and Instruction of the Deaf and Dumb Persons”.

³ **(AUTOR) - Thomas Gallaudet:** educador americano, era a favor da Língua de Sinais e se interessou pelos surdos e sua educação quando teve contato com uma menina surda, sua vizinha, chamada Alice Cogswell. Atualmente existe a Universidade de Surdos, chamada Gallaudet University, em Washington (MOURA, 2000).



Figura 1: Estátua de Thomas Gallaudet e Alice Cogswell na University Gallaudet.

http://www2.bakersfieldcollege.edu/tmoran/images/IMG_6089.JPG

- Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1838), francês, criou uma forma de escrita da Língua de Sinais, mas não obteve sucesso com ela.
- Alexander Graham Bell (1847-1922), escocês, criador do telefone, casou-se com uma surda oralizada. Além disso, sua mãe também era surda e seu pai ensinava o oralismo aos surdos. Bell defendeu o oralismo no Congresso de Milão.

Também existem registros de educadores surdos, como o francês Laurent Clerc (1785 - 1869), já anteriormente mencionado, que ministrava aula de Língua de Sinais nos Estados Unidos e era interessado pelo método utilizado por L'Epée.



Figura 2: Laurent Clerc (1785 - 1869)

No entanto, dentre esses educadores, o mais importante foi o abade francês Charles-Michel de L'Épée (1712- 1789), o qual ensinou e apoiou os surdos, criando uma escola pública, o **Instituto Nacional de Jovens Surdos-Mudos**⁴, em Paris. Além disso, L'Épée criou também como método de ensino a gramática de LS, método chamado de Sinais Metódicos. Por meio dos Sinais Metódicos, utilizava-se a inicial da palavra em francês para criar o sinal dessa palavra. Por exemplo: o sinal para DIEU (Deus) era feito com a sua inicial, a letra D.



Figura 3: Charles-Michel de L'Épée (1712- 1789)

Não foi L'Épée quem inventou os sinais nem o **alfabeto manual**⁵ usados em seu método. Ambos já existiam há muitos anos, porém não há registro exato. O alfabeto

⁴ **(GLOSSÁRIO) - Instituto Nacional de Jovens Surdos-Mudos:** atualmente é o Instituto Nacional de Jovens Surdos; foi a primeira escola pública para surdos no mundo (MOURA, 2000).

⁵ **(GLOSSÁRIO) - Alfabeto Manual:** usado para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuam um sinal (FELIPE; MONTEIRO, 2005).

manual era utilizado pelos monges, com o objetivo de se comunicarem na Igreja, porque necessitavam ficar em silêncio. Porém, nesta época, os surdos já se comunicavam através de **gestos, mímica**⁶, etc.

No Brasil, o alfabeto manual foi sendo modificado a cada ano. Existem alguns países que possuem um alfabeto manual diferente do existente no país, o qual foi influenciado pela *Langue des Signes Française* (LSF) e pela *American Sign Language* (ASL). Outros sinais utilizados no Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, receberam influência de países da fronteira, como Uruguai e Argentina.

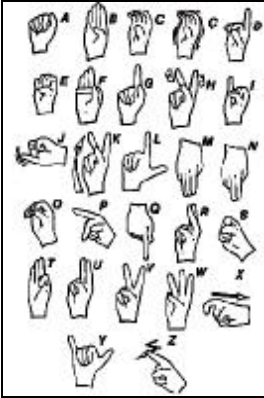



			
<p>Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)</p>	<p>American Sign Language (ASL)</p>	<p>Langue des Signes Française (LSF)</p>	<p>British Sign Language (BSL)</p>

Figura 4: O alfabeto manual em diferentes países.

<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo19.pdf>

No ano de 1880, foi realizada uma **Conferência Internacional em Milão**⁷ com o objetivo de discutir o futuro da educação para os surdos. Foi questionado se o ensino

⁶ **(GLOSSÁRIO) - Gestos, mímicas:** a linguagem de gestos e mímicas é basicamente uma linguagem natural e universal. É o primeiro idioma que aprendemos nos braços de nossas mães. Durante toda a vida, usamos as mãos fazendo gestos e sinais para expressar nossas idéias com mais ênfase e clareza, e tal hábito é tão natural como chorar ou rir. No mundo silencioso dos surdos, vemos a grande necessidade e utilidade da linguagem mímica (OATES, 1990).

⁷ **(ASSUNTO) - Conferência Nacional de Milão:** ocorreu no dia 11 de setembro de 1880 e teve como resultado a aprovação do oralismo pelo motivo de ser esta uma língua que facilita a comunicação com a sociedade ouvinte. Assim, os alunos surdos precisariam de um professor ouvinte, pois a LS prejudicaria a fala e o pensamento. Para saber mais sobre o assunto, acesse: <http://www.milan1880.com/>.

deveria se dar em Língua de Sinais ou através do Oralismo. O método oralista venceu por vários motivos, dentre eles, devido à idéia de que sem fala não existe pensamento, conceito este decorrente da filosofia de Aristóteles.



Figura 5: Local onde foi feito o Congresso em Milão

<http://www.milan1880.com/milan1880congress/venuegallery/Resources/frontangleright.jpeg>

Após o Congresso de Milão, os Estados Unidos continuaram preservando a LS, porém os países europeus, bem como outros países do mundo, adotaram o Oralismo puro em suas escolas. Isso causou o afastamento de professores surdos, permanecendo apenas os professores ouvintes nessas escolas.

Segundo Moura (2000), durante os cerca de cem anos de predominância do Oralismo (de 1880 a 1980), foram obtidos poucos resultados quanto ao desenvolvimento da fala, do pensamento e da aprendizagem dos surdos. Além disso, a **surdez**⁸ era vista apenas em termos clínicos, tendo-se como preocupação o estudo da perda auditiva, o desenvolvimento da oralidade, a articulação, etc. A comunicação

⁸ **(ASSUNTO) - Surdez:** do ponto de vista clínico, a surdez se caracteriza pela diminuição da acuidade e da percepção auditivas, o que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural (QUADROS, 2004).

de surdos, através da Língua de Sinais, dava-se em ambientes escondidos, como no banheiro e no pátio das escolas, nos quartos de internatos, antes de dormir, e nos pontos de encontros de surdos. Devido a esse fato, a Língua de Sinais nunca se extinguiu, permanecendo como língua na vida dos surdos.

Nos anos 60, o lingüista americano **William Stokoe**⁹ reconheceu que a LS tinha gramática própria. Atualmente, vários lingüistas pesquisam sobre a LS em diferentes países. Antes de Stokoe, a LS era vista como pobre, apenas um apoio de comunicação; havia o pensamento de que esta servia para comunicação de macacos. Nessa época, predominava o oralismo, discriminando-se a LS.

Nos anos 80, iniciaram os estudos e a aplicação da **Comunicação Total**¹⁰ por professores de surdos. Conforme explica Dorziat (2005, p. 3):

Os adeptos da comunicação total consideravam a língua oral um código imprescindível para que se pudesse incorporar a vida social e cultural, receber informações, intensificar relações sociais e ampliar o conhecimento geral de mundo, mesmo admitindo as dificuldades de aquisição, pelos surdos, dessa língua.

Na Comunicação Total, é necessário falar e sinalizar ao mesmo tempo. Por exemplo: pronuncia-se EU VOU PARA CASA e sinaliza-se EU VOU CASA (o que chamamos de bimodalismo).

Nos anos 90, o **Bilingüismo**¹¹ teve início na educação de surdos. Caracterizado pelo aprendizado de duas línguas - a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa - a educação bilíngüe consiste, em primeiro lugar, na aquisição da

⁹ **(AUTOR) - William Stokoe:** autor americano que escreveu vários livros sobre o tema da surdez. Era considerado pai da lingüística de LS e contribuiu para a preservação desta na comunidade de surdos. Assim, a LS foi se espalhando pelo mundo (SACKS, 1990.)

¹⁰ **(ASSUNTO) - Comunicação Total:** filosofia que defende o uso de toda e qualquer forma de comunicação com a criança surda, incluindo a fala, a leitura orofacial, o treinamento auditivo, a expressão facial e corporal, a mímica, a leitura, a escrita e os sinais (MOURA 2002).

¹¹ **(ASSUNTO) - Bilingüismo:** A abordagem educacional com Bilingüismo para surdos é aquela que, acima de tudo, estabelece que o trabalho escolar deve ser feito em duas línguas, com privilégios diferentes: a Língua de Sinais como primeira língua (L1) e a língua da comunidade ouvinte local como segunda língua (L2) (SÁ, 1999).

Língua de Sinais pelos surdos, sendo esta sua língua materna. Em seguida, a Língua Portuguesa escrita é ensinada como sua segunda língua.

Segundo Skliar (1998, p.5):

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas, são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.

É preciso que o surdo seja reconhecido como um sujeito completo. No entanto, durante muitos anos, houve a tentativa de normalizá-lo. Essa tentativa foi impedida devido à resistência da cultura surda, que lutou pelo reconhecimento de sua língua própria, a Língua de Sinais.

Porém, ainda hoje, no ambiente escolar, o surdo sofre pelo fato de a estrutura da sua língua natural escrita diferenciar-se da estrutura da Língua Portuguesa. Em muitos casos, quando o professor não entende sua escrita, o aluno surdo pode sofrer preconceito, recebendo até mesmo rótulos relativos a uma possível falta de interesse e dificuldade de aprendizagem de sua parte.

Quando o professor ouvinte sabe Língua de Sinais, pode comunicar-se de maneira satisfatória com seu aluno surdo. Porém, quando o professor também é surdo, além da mesma comunicação, ambos possuem a mesma identidade, o que contribui para uma harmonia ainda melhor entre professor e aluno. Assim o aluno encontra na figura do professor um modelo de adulto surdo e o professor surdo representa uma perspectiva para o próprio futuro desse aluno.

A introdução da Língua de Sinais no currículo de escolas para surdos é um indício de respeito a sua diferença. É desejo dos surdos que as escolas, dentro de sua cultura, preparem-nos para o mercado de trabalho e o meio social, trabalhando e desenvolvendo em aula fatos culturais próprios dos surdos, tendo por base a Língua de Sinais.

Porém, se pensarmos na atual educação de surdos, veremos que, mesmo após seu desenvolvimento, o baixo índice de participação dos surdos no ensino médio, e menor ainda no ensino superior, e até mesmo o baixo nível salarial dos surdos, dentre

outras conseqüências, comprovam que a educação de surdos permanece carente de mudanças (Rangel e Stumpf, 2004).

A luta pela inclusão educacional é questionada por muitos surdos devido a estes permanecerem sob o poder de professores ouvintes, dentre os quais muitos não possuem o domínio da Língua de Sinais. Surge então uma exclusão no que se refere à efetiva participação e à autonomia do aluno surdo em aula, mascarada pelo conceito de inclusão.

A Escrita de Língua de Sinais (ELS), como também o sistema **SignWriting**¹² (SW - Escrita de Língua de Sinais), que tem como base a Língua de Sinais, representam para o surdo habilidades que podem servir de instrumento para o desenvolvimento de sua cultura. Porém, poucas escolas até hoje inseriram em seus currículos a escrita de Língua de Sinais (MOURA, 2000).

Essa língua se originou no ano de 1974 com a bailarina Valerie Sutton, que criou um sistema para escrever danças (*Dancewriting*). Isso despertou o interesse de pesquisadores dinamarqueses em formar uma escrita de Língua de Sinais. A partir daí, surgiu na Universidade de Copenhague um sistema de escrita de Língua de Sinais, sendo pedido a Valerie que registrasse os sinais em vídeo. Assim foi criada a *SignWriting*, tendo suas primeiras formas inspiradas na *Dancewriting*.

Na década de 1980, Valerie Sutton apresentou, no Simpósio Nacional em Pesquisa e Ensino da Língua de Sinais, nos Estados Unidos, um trabalho intitulado: “Uma forma de analisar a Língua de Sinais Americana e qualquer outra língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada”. E assim a *SignWriting* foi se desenvolvendo. De um sistema escrito à mão livre, passou a um sistema possível de ser escrito no computador. O primeiro jornal escrito em *SignWriting* foi feito à mão, nos anos 80, assim como os monges escreviam antes da existência da imprensa.

O sistema de escrita do *SignWriting* teve uma grande evolução e, devido ao fato de a escrita dos sinais se diferenciar de pessoa para pessoa, a escrita passou a ser padronizada ao longo do tempo com a invenção da imprensa, que foi o meio pelo qual a escrita foi difundida rapidamente.

¹² (ASSUNTO) - **SignWriting**: Para conhecer mais sobre esta escrita, acesse: www.signwriting.org.

Atualmente, alguns países usam ELS na educação de surdos. Aqui no Rio Grande do Sul, começou-se a pesquisar a ELS há aproximadamente dez anos, na cidade de Porto Alegre, a partir do trabalho de Antonio Carlos da Rocha Costa, que descobriu o *SignWriting* enquanto sistema escrito de sinais usado através do computador. A partir disso, a *SignWriting* começou a tomar forma no Brasil, passando, então, a se difundir também para algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul, como Caxias do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Pelotas. Em Santa Maria, por exemplo, existe a escola para surdos Reinaldo Fernando Coser, que trabalha com a ELS em sala de aula, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

No campo da literatura infantil, já existem livros publicados em ELS e em Língua Portuguesa, tais como: **Cinderela Surda** e **Rapunzel Surda**, de Silveira, Rosa e Karnopp (2003).

A.2 – No Brasil

Em 1855, veio para o Rio de Janeiro o surdo francês **Eduard Huet**¹³, o qual, com o apoio de Dom Pedro II, organizou a abertura do Instituto de Surdos. Assim nasceu o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos) no dia 26 de setembro de 1857. Huet ensinou alunos surdos através da Língua de Sinais Francesa, mesclando-a com a Língua de Sinais usada pelos surdos brasileiros (Moura, 2000). Pouco tempo depois, no ano de 1861, Huet deixou a direção do Instituto.

¹³ **(AUTOR) - EDWARD HUET:** surdo francês que conseguiu o apoio de D. Pedro II para o estabelecimento do Instituto de Surdos. Huet foi considerado o introdutor da Língua de Sinais Francesa no Brasil, que acabou por mesclar-se com a Língua de Sinais utilizada pelos Surdos em nosso país. Huet deixou a direção do Instituto em 1861, por problemas pessoais (MOURA, 2000).



Figura 6: Eduard Huet

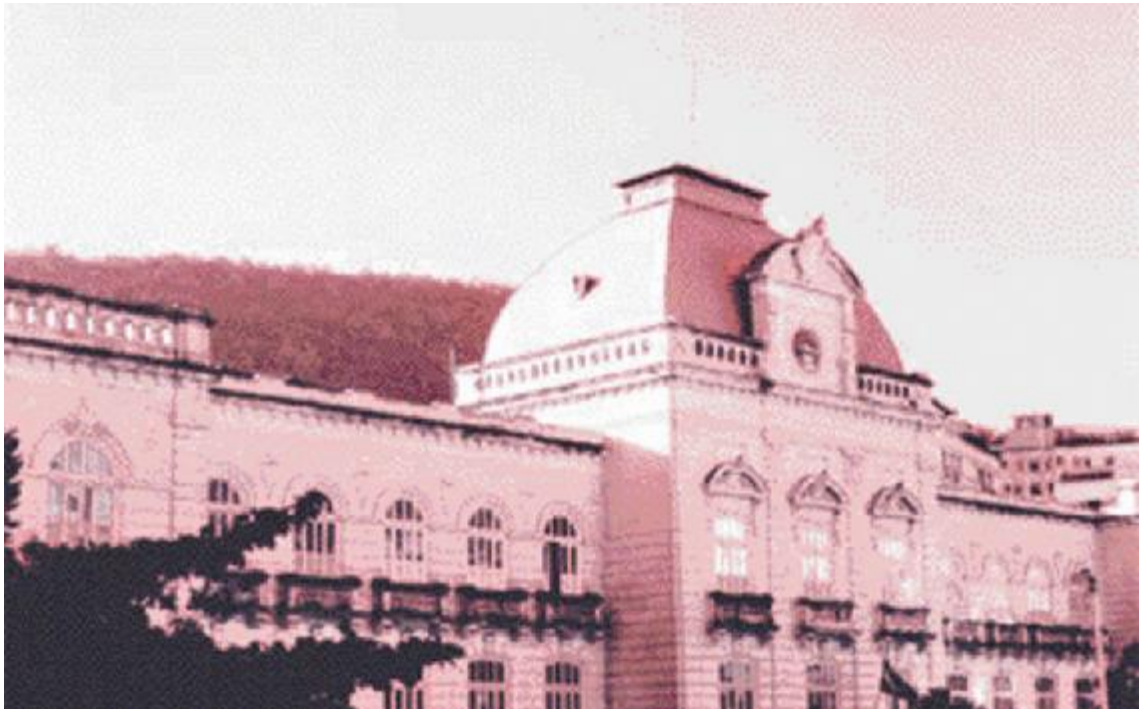


Figura 7: Imperial Instituto de Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos)

<http://www.feneis.com.br/Educacao/ines.shtml>

No começo do ano de 1857, os surdos aprenderam LIBRAS. Quando se formavam no Instituto, os alunos regressavam às suas cidades e ensinavam-na. Assim, a LIBRAS foi se espalhando por todo o Brasil.

Algumas escolas de surdos foram fundadas no Brasil, como o Instituto Santa Terezinha, em São Paulo, e o Centro de Audição e Linguagem “Ludovico Pavoni” (CEAL/LP), em Brasília/DF.

No Brasil, existem poucas escolas de surdos. No caso das escolas inclusivas, fazem-se necessários ali a existência da LIBRAS em sala de aula, bem como um espaço para os surdos. O documento “A Educação que nós surdos queremos”¹⁴, elaborado a partir da união da comunidade surda pela luta por uma melhor educação, no ano de 1999, mostrou vários tópicos importantes relativos à educação de surdos, dentre eles: “propor o fim da política de inclusão-integração escolar, pois ela trata o surdo como deficiente e, por outro lado, leva ao fechamento de escolas de surdos e/ou ao abandono do processo educacional pelo aluno surdo”. Também foi destacado no documento que é preciso “repensar, o destino do patrimônio dos surdos, assim como o patrimônio das escolas de surdos quando deixam de existir”.

Segundo Strobel e Fernandes (1998), a escola de surdos é necessária e precisa oferecer uma educação escolar de surdos que promova o desenvolvimento de indivíduos cidadãos, ao mesmo tempo em que é um centro de encontro com o semelhante, o que contribui para a construção da identidade surda. Nesse sentido, o processo educacional de surdos é muito importante para a comunidade surda, pois existem poucos dados históricos sobre a educação de surdos no Brasil.

A.3 – No Rio Grande do Sul

Embora existam poucos registros, houve, na década de 20, a abertura de várias escolas de surdos em Porto Alegre e em cidades do interior do Rio Grande do Sul. São algumas delas:

- Instituto Frei Pacífico, inaugurado no dia 24 de setembro de 1956, em Porto Alegre. Adotou como método o oralismo; atualmente, porém, utiliza como método de ensino a LS;
- Unidade de Ensino Especial Concórdia, na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA – em Porto Alegre, inaugurada no dia 5 de setembro de 1966, adotando como método o oralismo. Atualmente utiliza a LS;
- Escola Lilia Mazon, em Porto Alegre/RS, utiliza a LS;

¹⁴ (GLOSSÁRIO) - **A Educação que nós Surdos Queremos**: documento elaborado pela comunidade surda no Pré-Congresso ao V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngüe para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no ano de 1999 (www.feneis.com.br).

- Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores (CMET), escola com educação de jovens e adultos, em Porto Alegre/RS, que também usa a LS;
- Instituto Ipiranga, em Porto Alegre, o qual foi inaugurado em 1921, também utilizando o método do oralismo, que foi ensinado pela professora alemã Louise Schmit. Porém, esta escola fecharia em 1931. Em 1952, foi criada a Escola Especial de Surdos, situada na atual Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e de Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (FADERS), na Rua Duque de Caxias, em Porto Alegre, escola que também fecharia;
 - Escola Padre Réus, em Esteio/RS;
 - Escola Municipal de Educação Especial (EMEES), em Gravataí/RS;
 - Escola Vitória, em Canoas/RS;
 - Em Caxias do Sul/RS, surgiu a Escola Municipal de Ensino Fundamental Helen Keller (antigo Centro Educacional para Deficientes da Audição e da Fala Helen Keller) em 1960, que utiliza a LS;
 - Em Santa Maria/RS, foi fundada a Escola de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, em 2001, que utiliza a LS;
 - Em Santa Rosa/RS, foi inaugurada, em 1986, a Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos (antiga Escola de 1º Grau Incompleto Concórdia para Educação Especial), escola que também utiliza a LS.

No Rio Grande do Sul, foi criado pelo Professor Dr. Carlos Skliar, em 1996, o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), grupo formado por professores surdos e ouvintes e por mestrandos e doutorandos surdos e ouvintes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este núcleo teve como objetivo ampliar os horizontes da Educação de Surdos, quebrando a visão clínica e tradicional da surdez, na qual predominavam os **currículos**¹⁵ próprios da cultura ouvinte, ou apenas adaptados aos surdos.

¹⁵ **(GLOSSÁRIO) - Currículo:** o currículo é um campo privilegiado no qual se manifesta o conflito cultural e se reflete o debate sobre as desigualdades sociais existentes (LACERDA e GÓES, 2000).

O NUPPES trouxe grande mudança na Educação de Surdos no Rio Grande do Sul, desenvolvendo, ao longo de sua existência, muitas idéias novas. Contudo, o grupo encerrou seus trabalhos em 2004. Apesar disso, este modelo foi espalhado para outras universidades que têm estudantes e professores surdos e ouvintes.

Atividade da Unidade A:

Para encerrar esta unidade, leia o texto: “O Lugar da Cultura Surda”, de G. Perlin (in: THOMA, A.; LOPES, M. **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** Santa Cruz: EDUNISC, 2004).

Após a realização da leitura, disponibilize suas impressões sobre o texto na ferramenta *biblioteca*, conforme as orientações do professor disponíveis na agenda da disciplina.

Referências da Unidade A:

A EDUCAÇÃO QUE NÓS SURDOS QUEREMOS, Porto Alegre, RS, 1999.

DORZIAT, Ana. **Metodologias específicas ao ensino de surdos – análise crítica..**

ERIKSSON, Per. **The History of Deaf People.** Sweden: Daufr, 1998.

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor.** 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS, 2005.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova Identidade.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

OATES, E. **Linguagem das mãos.** 5. ed. Aparecida, SP: Santuário, 1990.

QUADROS, R. M. de. [O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.](#) 2. ed. Brasília: MEC, 2004.

RANGEL, G.M.M.; STUMPF, M.R. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**, In: LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de. (Orgs.). Ed. Mediação

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos: a caminho do bilingüísmo**. Niterói: EDUFF, 1999.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Editora Mediação, 1998.

_____.; LUNARDI, Márcia Lise. Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação. In: LACERDA, Cristina B. F. de; GÓES, Maria Cecília R. de. (Orgs.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos Lingüísticos da LIBRAS**. 1998. PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

THOMA, Adriana & LOPES, Maura. (Orgs.). **A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

Sites relacionados à unidade

<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo19.pdf>

http://www.ines.org.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM

http://members.aol.com/deafcultureinfo/deaf_history.htm

www.sigwriting.org

http://muse.jhu.edu/demo/sign_language_studies/v001/thumb/1.1wilcox_fig01t.gif

http://www2.bakersfieldcollege.edu/tmoran/images/IMG_6089.JPG

<http://www.milan1880.com/milan1880congress/venuegallery/Resources/frontangleright.jpeg>

<http://www.feneis.com.br/Educacao/ines.shtml>

Unidade B – CLASSIFICADOR

Nessa unidade, conheceremos os Classificadores em LIBRAS. Eles são usados no caso de não se conhecer o sinal próprio de determinada palavra. Dessa maneira, o professor poderá ensinar qual é o sinal.

Dependendo do contexto, existem diferentes sinais para a mesma palavra, como para o verbo “cair”. Na frase “a pessoa caiu”, usa-se o sinal de “pessoa” e o de “cair”; e, para a frase “o vaso caiu”, usa-se o classificador para “vaso” e o sinal de “cair” diferente do de “acima” (que a professora explicará por *webcam*).

Os classificadores são usados em algumas cidades onde não existem escolas e associações de surdos. Então, os surdos se comunicam através de “mímica” ou “gestos”, sendo que alguns são parecidos com Classificadores.

Aprenderemos nessa unidade, portanto, o que são Classificadores e qual é a sua utilização dentro na Língua de Sinais.

B.1 – Definição de Classificador em Língua de Sinais

Classificador¹⁶ é uma representação da LIBRAS que mostra claramente detalhes específicos, permitindo a descrição de pessoas, animais e objetos, bem como sua movimentação ou localização. Por exemplo: vaso. Todos os vasos são iguais? Não, por isso é necessário descrever a sua forma, o seu volume, o seu tamanho e a sua textura. Também podemos descrever o que existe dentro do vaso: se há flor, terra ou plantas, por exemplo.

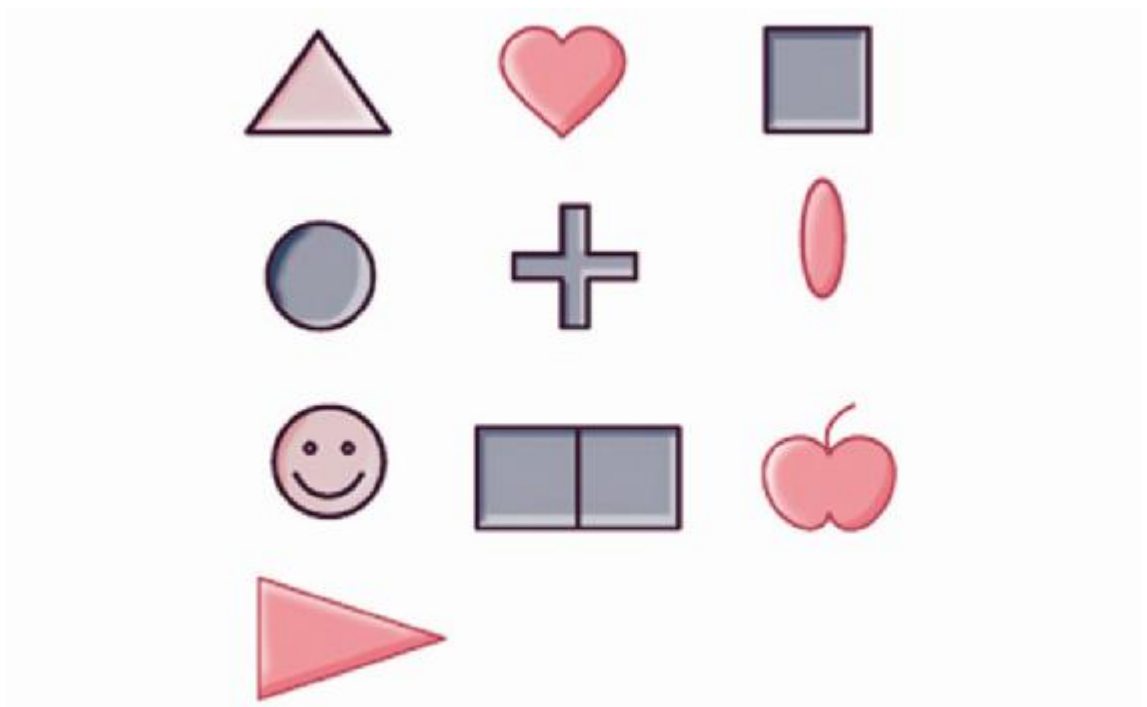
¹⁶ **(GLOSSÁRIO) - Classificador:** em Libras, assim como em ASL, os Classificadores funcionam como partes dos verbos em uma sentença, sendo estes chamados verbos de movimento ou de localização (BRITO, 1995).

(ASSUNTO) - Para conhecer mais sobre classificadores, leia: **Por uma gramática de Língua de Sinais**, de Lucinda Ferreira Brito (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995).



Figura 8: Representação dos classificadores e de suas diferentes formas (Silveira, H.C.)

Durante a aula, a professora da disciplina sinaliza os Classificadores das figuras com os seus respectivos números ou especificações e o cursista preenche as lacunas devidamente.



Figuras geométricas



Rostos diferentes



Flores diferentes

Atividade da Unidade B:

Para encerrar esta unidade, propõe-se a leitura do texto: “Classificadores em LIBRAS” (in: BRITO, Lucinda Ferreira. **Por Uma Gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995).

Após a leitura, disponibilize suas impressões na ferramenta *Fórum de discussão*, o qual será agendado pelo professor da disciplina.

Referências da Unidade B:

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

PIMENTA, Nelson. Coleção “**Aprendendo LSB**” volume I Básico, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Coleção “**Aprendendo LSB**” volume II Intermediário, Rio de Janeiro, 2000.

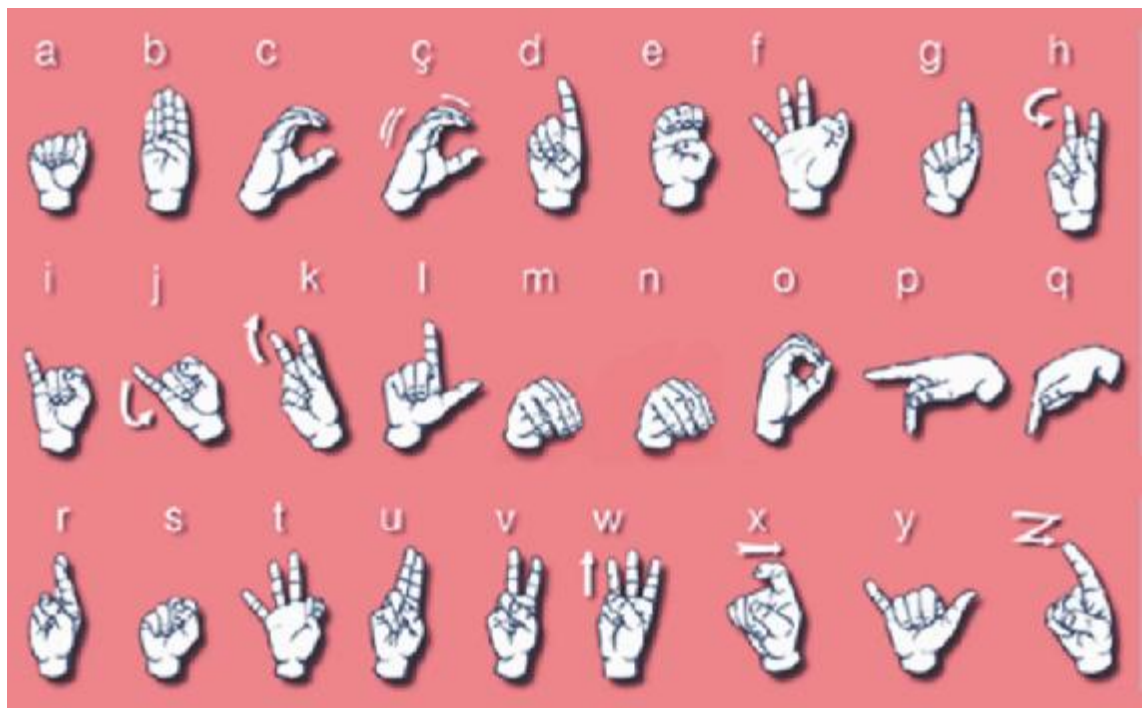
_____. Coleção “**Aprendendo LSB**” volume III Avançado, Rio de Janeiro, 2001.

Unidade C – SINAIS BÁSICOS I

Desde já, é importante saber que a Língua de Sinais não é uma língua universal. No Brasil, é chamada de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), porém, para cada Estado e, muitas vezes, para diferentes municípios de um mesmo Estado, existem sinais diferentes. Portanto, o contato dos surdos para que possam trocar conhecimentos em LIBRAS (já que possuem níveis de desenvolvimento variados) enriquece a cultura surda, pois, como já foi mencionado, cada lugar possui sinais próprios.

Nessa unidade, iremos conhecer alguns sinais básicos da LIBRAS, como os referentes a pessoas, a família e a objetos. Para tanto, é preciso saber que cada pessoa possui seu sinal próprio, o qual equivale ao seu nome na Língua Oral. Assim, quando este sinal referente ao nome da pessoa não existe, ou não é conhecido, é preciso soletrá-lo. Portanto, é muito importante o treinamento da soletração, um recurso prático da língua, como também é importante a expressão facial e a corporal.

C.1 - Pessoas



Alfabeto Manual (VEJA O VÍDEO)

A professora apresenta seu nome em soletração; vocês, alunos, anotam o nome dela no caderno:

PROF.: TUDO BEM? MEU NOME É.....

A professora pergunta os seus nomes; vocês, alunos, soletram-nos.

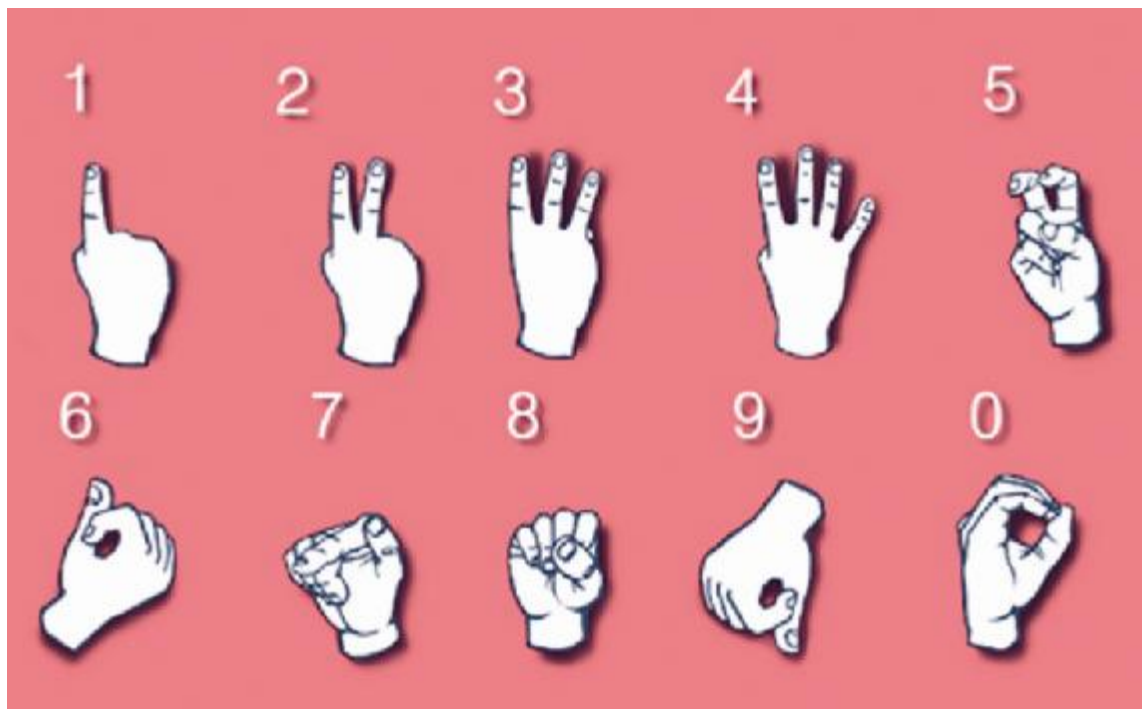
Diálogo: Cumprimento (VER O VÍDEO).

A- Tudo bem? Seu nome?

B- Tudo bem, meu nome Seu nome ?

A- Meu nome..... Bom conhecer.

B- Bom conhecer também.



Números cardinais (VEJA O VÍDEO)

A professora mostra os sinais dos números cardinais de 0 a 10. Memorize-os.

Atividade (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Após isso, a professora sinalizará os numerais cardinais. Observe o vídeo e marque a alternativa correta.

Envie as respostas através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal do número, colocando a, b ou c.

1. Qual é o número 2?

.....

2. Qual é o número 7?

.....

3. Qual é o número 0?

.....

Atividade C2: Soletração

Visualize a soletração e anote os nomes: (VEJA O VÍDEO)

1- _____ 6-

2- _____ 7-

3- _____ 8-

4- _____ 9-

5- _____ 10-

Diálogo: Apresentação (VEJA O VÍDEO)

A- Tudo bem!

B- Tudo bem!

A- Amiga Bea.

B- Tudo bem! Meu nome Ivo.

C- Tudo bem! Bom conhecer.

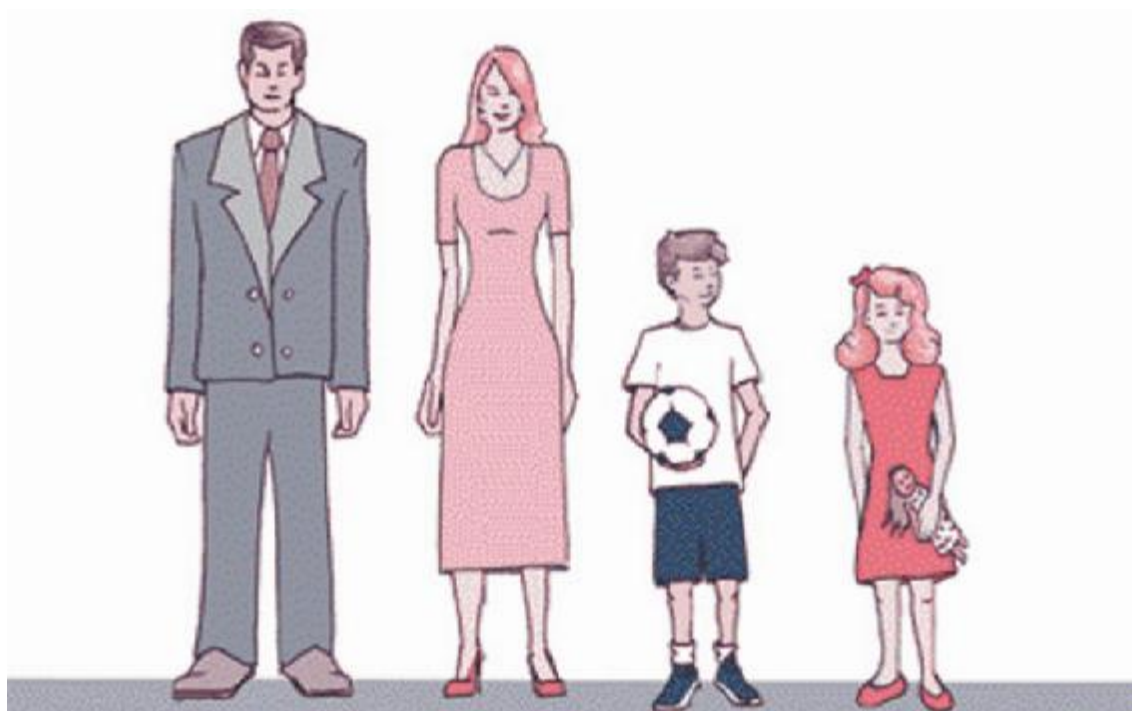
C- Também bom conhecer.



“Artista Francisco Goya”¹⁷

¹⁷ **(AUTOR) - FRANCISCO GOYA (1746-1828):** pintor espanhol que ficou surdo aos 46 anos. Quando ficou surdo, escreveu uma obra sobre o alfabeto manual espanhol **Las cifras de la mano**, em 1812 (ROSE-MARIE & RAINER HAGEN, 2004).

(ASSUNTO) – Para saber mais sobre o pintor, leia: **Historia de la educación de los sordos en España y su influencia en Europa y América**, de Antônio Gascón Ricao Y José Gabriel Storch De Gracia Y Asensio (Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, S.A. Madrid, Espanha, 2004).



Homem Mulher Menino Menina

Sinais das pessoas: (VEJA O VÍDEO)



Jesus, L'Epée, Pinóquio, Pelé

A professora mostra o sinal de cada um.

Os alunos precisam ter seu próprio sinal. A professora e os colegas ajudam na criação do sinal dos alunos. Essa criação ocorrerá em uma aula presencial.

Atividade (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Em seguida, a professora sinalizará os sinais das pessoas. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie as respostas através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal da pessoa, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de Jesus?

.....

2. Qual é o sinal de L'Épée?

.....

C.2 - Família (VEJA O VÍDEO)

As legendas abaixo dos desenhos não estão estruturadas em Língua Portuguesa, mas sim em LIBRAS. Observe-as apenas em LIBRAS no vídeo.

História:



1. Rapaz moça paquerar aula.



2. Eles saíram da Escola de Surdos Reinaldo Coser (localizada em Santa Maria/RS) para namorar.



3. Rapaz apresentar namorada pais, irmãos.



4. Moça apresentar namorado pais, irmã, cunhado e sobrinha.



5. Tempo passar.



6. Festa casamento! Toda família dos jovens foram; moça apresentar avós, tios e primos (gêmeos) para namorado.



7. Viajar avião lua de mel Nordeste.



8. Mulher grávida, marido junto.



9. Nascer filha chamada.....



10. Dois anos, grávida de novo. Nascer menino chamado.....



12. Família.

Atividade (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Em seguida, a professora sinalizará a história da família. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie-a através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é a figura da história da família, colocando a, b ou c.

1. Qual é a figura?

.....

2. Qual é a figura?

.....

3. Qual é a figura?

.....

4. Qual é a figura?

.....

5. Qual é a figura?

.....

Atividade C5: Soletração

Visualize a soletração e anote os nomes: (veja o vídeo)

- | | |
|----------|-----------|
| 1. _____ | 6. _____ |
| 2. _____ | 7. _____ |
| 3. _____ | 8. _____ |
| 4. _____ | 9. _____ |
| 5. _____ | 10. _____ |
| _____ | |

C.3 - Objetos (VEJA O VÍDEO)

Onde está?

A professora identifica os objetos pelos números, ensinando os sinais e localizando cada um em um lugar determinado. O aluno deverá colocar o número do objeto no lugar que o professor indicar.



Na sala de aula



Escritório

Atividade: (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Após isso, a professora sinalizará os sinais dos objetos. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie-a através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de lápis?

.....

2. Qual é o sinal de *notebook*?

.....

3. Qual é o sinal de relógio?

.....

4. Qual é o sinal de grampeador?

.....

5. Qual é o sinal de régua?

.....

C.4 – Expressão Facial e Corporal (VEJA O VÍDEO)

A figura aparece, depois a professora faz o sinal.



1. Medo



2. Felicidade



3. Chorar



4. Rir



5. Sono



6. Brava



7. Triste



8. Assustada

9. Desconfiada

Atividade: (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Em seguida, a professora sinalizará os sinais das expressões faciais. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie a resposta através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de medo?

.....

2. Qual é o sinal de rir?

.....

3. Qual é o sinal de desconfiada?

.....

Treinamento de expressão facial (VEJA O VÍDEO)

A professora mostrará como é a expressão facial:

BEM, MÉDIO, MAL, CANSADO, INVEJA, ADMIRAÇÃO, DOR, SÉRIO, ESFORÇO, FEDOR, TARADO, NERVOSA.

Treinamento de expressão corporal (VEJA O VÍDEO)

A professora mostrará como é a expressão corporal de:

MUITO FRIO, DOR DE BARRIGA, PREGUIÇA, RISADA, “QUE SACO”.

Atividade da Unidade C:

Para encerrar esta unidade, propõe-se que você leia o texto: “Língua de Sinais” (in: QUADROS, R.M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997).

Após a realização da leitura, disponibilize suas impressões sobre o texto na ferramenta *biblioteca*, conforme as orientações do professor disponíveis na agenda da disciplina.

Referências da Unidade C:

ANTÔNIO, Gascón Ricao y JOSÉ Gabriel Storch de Gravia Y ASENSIO. **Historia de la educación de los sordos en España y su influencia en Europa y América**. Madrid, Espanha: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, 2004.

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005.

HAGEN, Rose-Marie & HAGEN, Rainer. **Goya**. Paisagem. Printed in Germany, 2004.

PIMENTA, Nelson. Coleção “**Aprendendo LSB**” volume I Básico, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Coleção “**Aprendendo LSB**” volume II Intermediário, Rio de Janeiro, 2000.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Unidade D – SINAIS BÁSICOS II

Nessa unidade, iremos conhecer mais sinais básicos, como os referentes a cores, a animais e ao calendário. Os sinais das cores podem ser trabalhados acrescentando-se a eles “claro” ou “escuro”, como “azul claro” e “azul marinho” (“marinho” não tem sinal, mas usa-se o sinal de “escuro”). Existem cores que não possuem sinais próprios, como bege, creme, lilás, bordô, etc. Nesses casos, usa-se o sinal da cor mais parecida com a cor desejada.

Com relação aos animais, alguns possuem sinais próprios; para outros, porém, é necessária a utilização do Classificador.

Quanto ao calendário, iremos trabalhar sinais como os referentes a “dia”, “semana”, “mês”, etc. Também veremos detalhes como advérbios de tempo: “todos os dias”, “anteontem”, “semana que vem”, etc. Porém, é preciso estar-se atento a algumas sinalizações dessas palavras, como “semana que vem”. Nesse caso, não se usa o mesmo sinal de “vem”, como quando se aproxima uma pessoa. Da mesma forma, quando se deseja falar, em LIBRAS, “Ano Novo”, não se realiza o sinal de “ano”, nem o sinal de “novo”, mas sim um único sinal que contempla a expressão “Ano Novo”.

Portanto, é muito importante a observação do contexto das frases e das palavras para a realização correta dos sinais.

D.1 - Cores¹⁸ (VEJA O VÍDEO)

Claro e Escuro

¹⁸ (ASSUNTO) - Cores: há sinais diferentes para as cores, dependendo da região do Brasil.



1. **Paisagem:** mostre tudo que tem colorido; sol amarelo, céu azul, nuvem branca, árvore (verde e marrom), família caminhando no caminho (bege), menino usando a camiseta do time do Internacional (vermelho).



2. **Paisagem:** família fazendo piquenique, comendo frutas, etc., mãe comeu laranja, menina pegou flor rosa, menino se machucou, ficando roxo no local do machucado.



3. **Paisagem:** o tempo ficou cinza; família resolveu sair de carro preto.

Atividade: (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma cor para cada pergunta. Em seguida, a professora sinalizará as cores. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie as respostas através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de roxo?

.....

2. Qual é o sinal de amarelo?

.....

3. Qual é o sinal de branco?

.....

4. Qual é o sinal de cinza?

.....

5. Qual é o sinal de azul?

.....

Atividade: (VEJA O VÍDEO)

Observe o vídeo. A professora mostrará a expressão facial. Após isso, marque a alternativa correta. Envie a resposta através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Expressão facial

Acerte qual é a expressão facial, colocando a ou b.

Qual é a expressão facial referente a “escuro”?

4.2 – Animais¹⁹ (veja o vídeo)

Família visitando o Zoológico.



a. Feira de filhotes de cães

¹⁹ (ASSUNTO) - Animais: para os animais, assim como para as cores, alguns sinais são diferentes conforme a região do Brasil.



b. Zoológico



c. Crianças comunicando-se com chimpanzés

Atividade: (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Após isso, a professora sinalizará os animais. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie as respostas através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de cão?

.....

2. Qual é o sinal de coelho?

.....

3. Qual é o sinal de chimpanzé?

.....

4. Qual é o sinal de foca?

.....

5. Qual é o sinal de tartaruga?

.....

1.3 – Calendário²⁰ (VEJA O VÍDEO)

²⁰ (ASSUNTO) - **Calendário**: para calendário, assim como para cores e animais, alguns sinais são diferentes conforme a região do Brasil.



Festa de aniversário do menino.



Dia das mães.



Natal.



Páscoa.



Ano Novo.

Quatro estações:



Verão.



Outono.



Inverno.



Primavera.

Atividade: (VEJA O VÍDEO)

No vídeo, aparecerá uma figura para cada pergunta. Em seguida, a professora sinalizará o calendário. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie as respostas através do ambiente virtual, conforme orientações do professor da disciplina.

Semana

Acerte qual é o sinal, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de quinta-feira?

.....

2. Qual é o sinal de sexta-feira?

.....

3. Qual é o sinal de hoje?

.....

4. Qual é o sinal de semana passada?

.....

5. Qual é o sinal de todos os dias?

.....

6. Qual é o sinal de semana que vem?

.....

Meses

Acerte qual é o sinal, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal de janeiro?

.....

2. Qual é o sinal de julho?

.....

3. Qual é o sinal de setembro?

.....

4. Qual é o sinal de março?

.....

5. Qual é o sinal de mês?

.....

Diversos

Acertar qual é o sinal, colocando a letra a, b ou c.

1. Qual é o sinal para o ano de 2006?

.....

2. Qual é o sinal de aniversário?

.....

3. Qual é o sinal de Primavera?

.....

4. Qual é o sinal de Ano Novo?

.....

Atividade da Unidade D:

Para encerrar esta unidade, propõe-se que você leia o texto “A Aquisição da Linguagem” (in: Quadros, R.M. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997).

Após a realização da leitura, disponibilize suas impressões sobre o texto na ferramenta *biblioteca*, conforme as orientações do professor disponíveis na agenda da disciplina.

Referências da Unidade D:

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005.

PIMENTA, Nelson. Coleção “**Aprendendo LSB**” volume I Básico, Rio de Janeiro, 2000.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

UFSM. **Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses**: MDT/Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. 6ª ed. Santa Maria: Editora da UFSM, PRPGP, 2005.